

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E ELIMINAÇÃO DE DIREITOS SOCIAIS NO BRASIL NO CONTEXTO DA COVID-19

Mauricelia Cordeira¹

RESUMO

O presente texto discute a relação da pandemia com o movimento mais amplo do capitalismo contemporâneo e os impactos no cotidiano dos trabalhadores, especialmente no tocante aos direitos sociais. Parte das contribuições da literatura no âmbito da teoria social crítica, no sentido de apreender as condições estruturais e conjunturais sob as quais irrompeu uma das maiores crises sanitárias da humanidade. Defendemos a ideia de que na pandemia o capital revela sua natureza destrutiva, lucra com as estratégias de expropriação de direitos sociais e a intensificação da precarização das condições de existência da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Capitalismo contemporâneo; pandemia; eliminação de direitos.

ABSTRACT

The present text discusses the relationship between the pandemic and the broader movement of contemporary capitalism, as well as the impacts on the everyday lives of workers, especially regarding social rights. It draws on contributions from literature within the scope of critical social theory, aiming to grasp the structural and conjunctural conditions under which one of the greatest health crises in human history has emerged. We argue that during the pandemic, capitalism reveals its destructive nature, profiting from strategies that expropriate social rights and intensify the precarization of the working class' living conditions.

Keywords: Contemporary capitalism; pandemic; elimination of rights.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto das nossas reflexões acerca das manifestações do capitalismo contemporâneo, em particular das condições que culminaram na origem e disseminação do vírus Covid-19. Discutimos na presente síntese, a pandemia

¹ Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba e doutoranda do Programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: mauriceliacordeiro@hotmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

enquanto fenômeno produzido socialmente pela lógica contemporânea da produção capitalista, e os impactos do processo de dilapidação dos direitos sociais no Brasil no contexto da crise sanitária. Trata-se de um esforço em refletir, a partir da teoria social crítica, sobre o as expropriações empreendidas pelas forças personificadas do capital na contemporaneidade, no cenário específico da pandemia instaurada pela Covid-19, e das graves consequências para a população pauperizada no país, especialmente no tocante ao desmonte das políticas sociais.

No primeiro momento do texto, abordamos o caráter “pandêmico” do sistema do capital e algumas de suas expressões para a classe trabalhadora na contemporaneidade. Na segunda parte, a política de retirada de direitos na particularidade do Brasil, no contexto de crise sanitária do novo coronavírus, por último, as considerações finais.

2 O CARÁTER DESTRUTIVO DO SISTEMA DO CAPITAL

O processo histórico de desenvolvimento do modo de produção capitalista (MPC) é revelador do caráter voraz do sistema do capital: desde a acumulação primitiva, a exemplo do movimento sangrento de expropriações contra os camponeses na Europa, aos extermínios que marcam as colonizações e os fenômenos mais recentes de expropriações contemporâneas, se observa que não houve e não há possibilidades de sobrevivência desse sistema sem a submissão de todas as instâncias da vida à lógica da superacumulação de riqueza.

O objetivo do capital, ao colocar em movimento a produção social de riqueza, não consiste na satisfação das necessidades humanas, mas na produção para valorização do capital e intensificação dos lucros. Nos termos de Mészáros (2000, p.11): “é a expansão do capital como um fim em si, servindo à preservação de um sistema que não poderia sobreviver sem constantemente afirmar seu poder como um modo de reprodução ampliado”.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A produção e acumulação de riqueza no sistema do capital só se realiza se garantido a subordinação do trabalho vivo e dos recursos naturais ao domínio desse sistema. E, de posse dos recursos naturais, somente é possível ao capitalista obter valor excedente se este se apropriar do trabalho não pago, ou seja, da mais-valia. A força de trabalho, por sua vez, assume dupla característica, é incorporada ao processo de produção como mercadoria – de qualidade diferenciada – ao mesmo tempo em que se constitui único componente que gera valor adicional. (MARX, 2013)

Deste modo, o capital requer força de trabalho para gerar valor, no entanto, a necessidade de intensificar a extração desse valor, degrada a força de trabalho. De forma que, se de um lado, a exploração da força de trabalho vivo é o único capaz de gerar mais-valia, de outro, como mercadoria que é, está sujeita à descartabilidade. Esta degradante condição na relação *capital-trabalho* foi identificada por Marx ao analisar o processo de composição orgânica do capital: a tendência de formação de uma população sobrando (exército de reserva, nos termos do autor) de trabalhadores não absorvida diretamente na produção de mercadorias.

E ante esta tendência, o sistema do capital se depara com um limite histórico: o processo que tem na força de trabalho o componente que promove a acumulação capitalista, é responsável por tornar esta mesma força de trabalho em uma mercadoria dispensável. Noutros termos:

A dialética da questão – e isto é fundamental – está no fato de que, ao reproduzir este sistema e permitir que haja ampliação da riqueza ou do capital social, a população trabalhadora produz as condições que a tornam relativamente supérflua a este mesmo modo de produção. (AMARAL; CARCANHOLO, 2008, p.168)

Marx (2013), ao analisar o movimento do MPC, retrata que tais condições não acontecem com o consentimento do trabalhador e tão pouco constituem um fenômeno posto pelo acaso. Para se submeter à transmutação do seu trabalho em mercadoria força de trabalho, foram necessários intensos movimentos de expropriação, alienação e exploração, garantidos tanto pelo uso violento da força, quanto pelas legislações promovidas pelo aparato estatal, de modo que ao

PROMOÇÃO



APOIO





trabalhador só restou, como condição de sobrevivência, a participação na reprodução ampliada do capital.

No estágio contemporâneo da produção capitalista tais estratégias foram reatualizadas no sentido de acompanhar as mudanças decorrentes da crise estrutural, a partir da década de 1970. Processos como a reestruturação produtiva, o neoliberalismo e a expansão do capital financeiro, nas últimas décadas do século XX amplificaram a capacidade destrutiva desse modo de produção, comprometendo as condições de autorreprodução da vida em todas as suas instâncias.

Dentre as principais consequências destacam-se a privatização e capitalização de bens fundamentais, como a água, o solo e o ar, penalizando ecossistemas e populações diversas; destruição de postos de trabalho em escala global e derruição de direitos, ao passo que os Estados nacionais operam para mercantilização e financeirização das políticas sociais e ambientais, promovendo a miséria à níveis nunca vistos na história.

No capitalismo contemporâneo, portanto se exacerbam as variadas formas de expropriação e exploração do trabalho e mercantilização das diferentes esfera da vida, promovendo um cenário propício ao surgimento de crises de repercussões globais dentre as quais a crise sanitária instaurada a partir da eclosão da Covid-19.

2.1 O caráter social da pandemia

A pandemia da Covid-19 nos impôs uma realidade drástica, considerada como o maior desafio da humanidade desde a Segunda Guerra. Apesar de não ser a primeira crise sanitária de abrangência global, nenhuma outra resultou os efeitos dramáticos que estamos vivenciando: mais de 6 milhões de óbito e 767.984.989 de casos registrados, mundialmente², ao mesmo tempo em que enfrentamos a crise dos sistemas de saúde; as economias estão derruídas; aumentou a parcela da população

² Com base no monitoramento realizado pela Organização Mundial da Saúde de 14 de junho de 2023.



em situação de miséria, e as medidas empreendidas pelos Estados nacionais não têm se mostrado suficientes para reverter esses desafios em curto prazo.

A despeito dos impactos em todas as áreas da vida, na narrativa difundida pelos principais meios de comunicação, predomina a concepção “biologizante” da pandemia, ou seja, de que o novo coronavírus (Covid-19) se constitui fenômeno meramente natural. Reduz-se a discussão sobre o surgimento do vírus ao fenômeno da mutação genética do patógeno que deu origem à síndrome respiratória aguda (SARS). Visto desta perspectiva, estamos diante do inevitável: de uma doença da qual somos todos vítimas, independentemente da condição de classe, etnia ou gênero. Daí o discurso comumente difundido de que “o vírus não escolhe quem vai atingir” e “estamos todos no mesmo barco”.

As explicações que vem sendo propaladas pelos intelectuais orgânicos da burguesia, especialmente pela mídia, quanto ao caráter “natural” e supostamente inevitável do surgimento do novo coronavírus, desconsidera, estrategicamente, as condições histórico-sociais que influenciam a erupção de epidemias e pandemias no capitalismo. Em contraponto a esta visão, o biólogo americano Rob Wallace, em seu estudo “Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência”, publicado em 2020, analisa as determinações principais do fenômeno em questão e apresenta aspectos fundamentais para apreensão da problemática.

De acordo com Wallace (2020), as doenças têm causas bioculturais não podendo ser reduzidas à dimensão natural. Observa que, dentre os diferentes aspectos, predomina um fenômeno comum (tanto em relação ao surgimento da Covid-19, quanto de outras doenças, a exemplo dos ebolas, o vírus da peste suína africana e o influenza)³: as novas formas de utilização do solo, especialmente as atividades de pecuária e agricultura intensiva.

³ O autor cita como exemplo “o vírus da peste suína africana, a *Campylobacter*, o *Cryptosporidium*, o *Cyclospora*, os ebolas Makona e Reston, a bactéria *Escherichia coli* O157: H7, a febre aftosa, a hepatite E, a listéria, o vírus Nipah, o *Coxiella burnetii* da febre Q, a salmonela, o vibrião, a yersínia e algumas novas variantes do influenza a, como h1n1 (2009), h1n2v, h3n2v, h5n1, h5n2, h5nx, h6n1, h7n1, h7n3, h7n7, h7n9 e h9n2”. (p. 478).

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Para o autor, o ecossistema das “florestas primárias” possui determinada complexidade, capaz de “encerrar” a reprodução de patógenos “selvagens”. Contudo, “a exploração madeireira, a mineração e a agricultura intensiva dirigidas pelo capital simplificam drasticamente essa complexidade natural”. (p. 480). O autor chama a atenção para o desmatamento provocado especialmente pelo agronegócio e as consequências, em muitas situações irreversíveis, sobre o solo e os animais. De modo que:

nessas “fronteiras neoliberais”⁴, enquanto diversos patógenos morrem como resultado do desaparecimento de espécies de hospedeiros, um subconjunto de infecções que antes era interrompido de forma relativamente rápida nas florestas, mesmo que apenas em função da taxa irregular de hospedeiros típicos disponíveis, agora se propaga com maior amplitude entre populações suscetíveis. (ibid.)

Ao tratar das formas de exploração e produção no campo, nas últimas décadas, Wallace observa que a “monocultura do capital intensivo”, ao intensificar o desmatamento, devasta ecossistemas inteiros, compromete a capacidade de enfrentamento natural contra esses patógenos e, ao diminuir as barreiras naturais, facilita a circulação de animais selvagens, a transmissão de patógenos para outros animais e destes para humanos – e como lembra o autor, no contexto de relações globalizadas, as doenças passam a ser facilmente exportadas.

Esse processo é apreendido pelo autor como um movimento de expropriação global e capitalização do solo, que tem como principal expressão (mas não a única) o domínio do agronegócio, o qual ganha força com o aparato político econômico e jurídico normativo promovido pelos Estados nacionais, em favor da expansão das formas intensivas (e destrutivas) de capitalização dos recursos naturais.

Os aspectos, apresentados acima em suas expressões mais gerais, nos permitem refletir sobre a pandemia como um produto social das formas contemporâneas de produção de riqueza pelo capital – e não como uma fatalidade, como divulga a mídia dominante e os órgãos oficiais – a qual, em um cenário marcado

⁴ O autor, Rob Wallace (2020), refere-se às formas de cultivos e relação com a natureza impostas pelo capitalismo no estágio contemporâneo.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

pela crescente destruição dos recursos naturais, dos direitos sociais e da mercantilização da vida, se desenrola de forma violenta para a humanidade.

Como observa Antunes (2020, p.20), a pandemia reforçou as manifestações destrutivas do sistema capitalista. É, pois, o caráter destrutivo, antissocial desse modo de produção a arquitetura da situação pandêmica que estamos vivenciando. Nas palavras do autor: “a esta simultaneidade e imbricação trágica entre sistema de metabolismo antissocial do capital, crise estrutural e explosão do coronavírus podemos denominar, se quisermos usar uma síntese forte, capital pandêmico”.

O resultado da associação do quadro pandêmico à condição de crise político-econômica, sociocultural e ambiental que o mundo vem enfrentando desde as últimas décadas do século XX, mais especialmente a partir da exponenciação das mudanças no mundo do trabalho, das contrarreformas neoliberais e do avanço da financeirização, tem expressado a natureza destrutiva do capital: a produção social da riqueza e sua apropriação privada não se realizam sem a radical destruição da vida social e biológica, cujos desdobramentos incidem sobre a natureza e sobre a totalidade da humanidade, porém de forma desigual sobre a classe que conta somente com a venda da força de trabalho para sobreviver.

2.2 Brasil, expropriações e retirada de direitos no contexto da pandemia

No Brasil, a crise sanitária se aprofunda em uma conjuntura já devastada pelas contradições particulares do capitalismo brasileiro, especialmente a partir das contrarreformas. Projeto como o Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado (PDRAE), iniciado no governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC); os estímulos às Parcerias Público Privadas, às Organizações Sociais, bem como as políticas de subsídio tributário e de financiamento para o setor privado durante os governos do PT (2003-2016); a flexibilização dos direitos trabalhistas, a emenda constitucional nº 95, que instituiu o teto de gastos durante o governo Temer; o agravamento dos crimes ambientais e contra as populações originárias, as privatizações, a radicalização das

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

“reformas” da previdência e trabalhista no governo de Bolsonaro, são alguns exemplos do amplo movimento neoliberal de contrarreformas em curso.

As consequências de tal movimento complexificam contradições estruturais, particulares da formação capitalista no país, cujo resultado, a despeito das conquistas alcançadas especialmente a partir da redemocratização, tem se revelado no aprofundamento do desemprego estrutural, do desmantelamento da “rede” de proteção social (a qual, ainda que com limites, se ampliou desde a Constituição de 1988), e das desigualdades (político econômicas, sociais, culturais etc.).

Não podemos deixar de enfatizar que, no cenário recente, a instabilidade política-jurídica, agravada pelo golpe de 2016, o alinhamento das classes dominantes ao projeto ultraliberal e ultraconservador das forças políticas de extrema direita, de um lado, a desmobilização de alguns setores no campo da esquerda e criminalização das lutas sociais, de outro, colocaram em movimento uma dinâmica favorável à expansão capitalista no país, e na América Latina, mesmo em um contexto de recessão econômica.

Tal dinâmica não foi interrompida, como demonstra Granemann (2021, p.4): “o Brasil, para os proprietários de grandes capitais, o período de crises resultou em um estupendo crescimento de milionários”: em 2018 o país registrava 217 mil milionários, em 2019, ano do agravamento da crise econômica e das “reformas” encampadas pelo Ministro da economia Paulo Guedes, esse número saltou para 259 mil milionários, enquanto o número de pobres chegou a 13,8 milhões.

Em contraste ao crescente enriquecimento dessa pequena parcela, no mesmo período, antecedente à pandemia, o número de desempregados e “desalentados” totalizava de 16,2 milhões. Os trabalhadores que permaneceram no mercado de trabalho, 29%, recebiam até um salário mínimo, apenas; 24,5 milhões trabalhavam por conta própria, 6,8 milhões estavam subocupados e 26,1 milhões subutilizados, sendo 55% destes mulheres e homens negros e 34,9% mulheres e homens brancos (ANTUNES, 2020, p.21).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Situação que se agravou face o cenário pandêmico, à medida em que, diante da necessidade de adequação ao contexto imposto pelas medidas de enfrentamento à disseminação do novo coronavírus, as empresas capitalistas encontraram novas e mais perversas formas de submissão de grande parcelas dos trabalhadores às condições já precárias de trabalho.

Diante de tal contexto, Granemann (2021, p.3) defende a hipótese de que

a crise econômica dos grandes capitais, em sua linha de expansão, parece ter encontrado no irromper da Covid-19 – saliente-se que a pandemia planetária e a crise econômica são oriundas do mesmo modo capitalista de produzir – condições e justificativa ‘quase perfeitas’ para imputar, aos trabalhadores e trabalhadoras, mais sacrifícios; agora, em profundidades tais, que incluem o próprio direito à vida.

Tal hipótese, em nosso entendimento, se confirma ante à realidade concreta: em março de 2020 o governo federal aprovou o orçamento de R\$1,2 trilhões (CASTRO; RODRIGUES, 2020) para o setor financeiro, por outro lado, só depois de forte pressão social e de setores políticos no Congresso, foi que o governo aprovou a liberação de R\$ 322 bilhões para auxílio emergencial, destinado às famílias de baixa renda, dos quais, entre abril e dezembro de 2020, foram gastos 293,1 bilhões (GRANER, 2021), menos que o demandado para atender o crescente número de solicitações.

Destaca-se, ainda, a Medida Provisória 939, do governo Bolsonaro, que autorizou aos empregadores reduzirem a jornada de trabalho e o salário de seus funcionários em até 70%. Do início da “onda” de contágios no Brasil (fevereiro de 2020), até abril de 2021 não houve qualquer proposta de criação de postos de trabalho ou de manutenção de empregos sem perda da renda. Ao contrário, ainda em 2020, houve o retorno da comissão responsável pela proposta de “reforma” trabalhista; também foi retomado no núcleo do governo o projeto da “reforma” administrativa. Acresce-se, ainda, as inúmeras tentativas desse governo em ampliar a desvinculação orçamentária e a aprovação do orçamento da União pelo Congresso, com redução drástica dos recursos destinados às políticas de saúde, educação, ciência, tecnologia e meio ambiente, por exemplo.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

O efeito da associação da crise pandêmica às contrarreformas tem sido trágico para classe trabalhadora: mais de 7 milhões de postos de trabalhos foram eliminados; o trabalho formal teve queda de 2,6 milhões postos, além de redução salarial e retirada de direitos. No geral, mais da metade da “população ocupada” ficou sem trabalho – vale destacar que o segmento da população mais prejudicado foi o de pobres e negros. Mais de 6 mil famílias foram despejadas (BOEHM, 2020), aumentando (especialmente por mulheres e crianças) a população de rua do país (SATIE, 2021).

Além disso, agravaram-se a situação dos moradores das periferias do país: residências precárias e com super lotação, em um contexto que se exige o distanciamento social, como forma de prevenção à Covid-19; falta de água potável e eletricidade; a perda da renda e o aumento da inflação sobre os produtos impossibilitaram muitas famílias de adquirir a cesta básica e itens fundamentais de prevenção, a exemplo álcool e máscaras, aumentando o risco de adoecimento em razão da pandemia em localidades historicamente com pouco (ou até mesmo sem) acesso aos serviços de saúde.

No meio rural e urbano os casos de violência contra a mulher e contra a população LGBTQI+ são assustadores. Do total das denúncias realizadas para as centrais de atendimento à mulher e de direitos humanos (Ligue 180 e Disque 100, respectivamente) 75.753, ou seja 72% do total, foram relativas à violência doméstica contra as mulheres (VILELA, 2021), só no Rio de Janeiro 250 mulheres por dia foram vítimas de violência, entre março e dezembro de 2020⁵. O número de assassinatos de pessoas transsexuais, por exemplo, cresceu 48%⁶. (OLIVEIRA, 2020). As situações de racismo se multiplicaram, bem como as diferentes formas de violência contra crianças, adolescentes e a população idosa.

Chamamos atenção para os povos e comunidades tradicionais, como a população indígena e quilombola. O número de mortes em razão da pandemia tem

⁵ Conforme dados divulgados pelo Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP)

⁶ A autora da matéria refere-se ao primeiro quadrimestre de 2020.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

sido proporcionalmente maior e, apesar da [Lei 14.021/20](#), que prevê medidas de proteção a essa população por parte do Estado, não houve medidas efetivas, ao contrário, o Presidente Bolsonaro vetou o fornecimento de água potável e produtos de higiene destinados à prevenção e desinfecção (CHADE, 2020). Não bastasse tal conduta, o Executivo optou por uma política criminosa de destruição ambiental, comprometendo as condições de existência desses povos.

Enquanto o governo Bolsonaro despendeu recursos públicos para sua política negacionista em relação à pandemia, a classe trabalhadora, como observa Antunes (2020, p.20), se deparou diante da difícil realidade: “entre a situação famélica e a contaminação virótica, ambas empurrando para a mortalidade e a letalidade”. Conforme denuncia o autor:

Bastaram alguns meses de pandemia para tornar evidente que as principais medidas tomadas pelo governo Bolsonaro têm por objetivo atender aos interesses de uma burguesia predadora e predatória que aqui gorjeia. O sinistro, o lúgubre e o funesto são, então, as designações mais singelas que o capitalismo pandêmico no Brasil e seu governo-de-tipo-lumpen fazem por merecer. (ANTUNES, 2020, p.24)

Para além dos dados, a situação revela a intensidade dos impactos decorrentes do movimento global do capitalismo contemporâneo no Brasil, os quais, no contexto da pandemia, se radicalizam e coloca a classe trabalhadora (especialmente a mais pauperizada) em uma condição drástica diante da falta de recursos básicos para sobrevivência, frente ainda ao desemprego, às formas cada vez mais precárias de exploração da força de trabalho, descartabilidade e morte, seja pela fome ou pelo coronavírus.

São milhares de óbitos diários que certamente poderiam ter sido evitados se garantidas as condições mínimas para que a parcela mais pauperizada da classe trabalhadora realizasse isolamento social e demais medidas de prevenção. Enquanto essa trágica realidade se perpetua, as classes dominantes, especialmente do mercado financeiro, mas não só, “passou a boiada” das reformas ultraliberais e ultraconservadoras e segue passando, ante o caráter predominantemente elitista, higienista e reacionário das forças parlamentares atuais, mesmo sob o governo petista.

PROMOÇÃO



APOIO



3 CONCLUSÃO

No atual contexto da reprodução do capital, as estratégias de expropriação visam garantir “novos” e “modernos” processos de disponibilização de força de trabalho para a acumulação do capital”, forçando o trabalhador, totalmente despossuído das condições de provimento da sua subsistência, a se submeter a qualquer condição de relação e exploração do trabalho. (BOSCHETTI, 2018, p.153).

Isso, porque, independentemente das formas assumidas pelas mercadorias e dos processos de potencialização e transferência do valor, sob o capitalismo, o ponto de partida é a apropriação e exploração sem limites do trabalho (livre) e da natureza. É da lógica de acumulação lucrativa do capital e das contradições resultantes da dinâmica inerente desse modo de produção social que se estruturam as determinações materiais das pandemias dos últimos séculos e, em particular, da Covid-19.

A pandemia do novo coronavírus, ao mesmo tempo que constitui a si mesma na manifestação concreta das expropriações globais engendradas pelo capital, impulsiona a radicalização das estratégias de espoliação contra a classe trabalhadora: eliminação massiva de postos de trabalho, ajustes fiscais, ampliação da apropriação privada dos recursos do fundo público dos Estados nacionais, dilapidação de direitos fundamentais, como moradia, alimentação, educação, saúde e cultura.

Contraditoriamente, o movimento de extração de valor na contemporaneidade e suas consequências não implica na eliminação total da força de trabalho, mas na expropriação radical do trabalhador e na disponibilização deste para “participação” na dinâmica de reprodução do capital sob condições ainda mais precárias, de modo que, como observa Antunes (2020, p.13) “se o trabalho, entretanto, não pode ser completamente eliminado [...] acaba por impor uma pragmática pautada pela devastação e derrelição completa das condições de trabalho em escala planetária”.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Essa é, portanto, a natureza do capital pandêmico: a destrutividade como dimensão inerente da dinâmica de produção e reprodução das relações sociais sob o capitalismo. Embora a pandemia do novo coronavírus impacte a dinâmica da vida social, de um modo geral, as consequências mais graves, em muitas situações irreversíveis, incidem sobre a classe trabalhadora, especialmente sobre as pessoas negras, principalmente mulheres, os imigrantes empobrecidos da periferia do capital, a população indígena e LGBTQI+, expressando o caráter racista, misógino, homofóbico e xenofóbico circunscrito às determinantes estruturais da pandemia.

No Brasil, o pacto da burguesia com a política genocida do governo Bolsonaro, impulsionou novas condições de expropriação e exploração da força de trabalho, reforçando os traços mais arcaicos da acumulação capitalista no país: autoritarismo e violência estatal, negligência na observância de direitos fundamentais, criminalização da pobreza, aversão à diversidade humana, desprezo à vida, especialmente desses segmentos da classe trabalhadora. O resultado imediato se materializa na radicalização das expropriações, evidenciando a natureza e o grau da política de extermínio contra esta classe, especialmente seus segmentos mais pauperizados, aos quais se impõe o risco de contaminação e morte pelo coronavírus ou morrer de fome. (ANTUNES, 2020; GRANEMANN 2021).

Diferentemente do que propagam as mídias das classes dominantes não há um “novo normal” favorável aos trabalhadores, enquanto não superadas radicalmente as condições que estruturam o capital pandêmico. O “antigo normal” é o desenho caótico da forma de operar do capital e o “novo normal”, a adequação das relações de produção e reprodução desse sistema à dinâmica da pandemia. Diante de tal realidade, nossa resistência, nossas forças, nossos sonhos e nossa esperança devem estar direcionadas à luta diária em torno de um projeto societário capaz de romper a natureza destrutiva e pandêmica do sistema do capital.

REFERÊNCIAS

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. Boitempo Editorial. 2020. Edição do Kindle.

BOEHM, Camila. Mais de 6 mil famílias brasileiras foram despejadas durante a pandemia. **Agência Brasil**, São Paulo, 03 de out. de 2020. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-10/mais-de-6-mil-familias-brasileiras-foram-despejadas-durante-pandemia>> Acesso em 02 de fevereiro de 2021

BOSCHETTI, Ivanete. Expropriação De direitos e reprodução da força de trabalho. In: **Expropriação e direitos no capitalismo**. São Paulo: Cortez, 2018. P.131-166

CASTRO, Fabrício de; RODRIGUES Eduardo. Com crise, BC já anunciou R\$ 1,2 trilhão em recursos para bancos. **UOL/ESTADÃO**, Brasília, março de 2020. Disponível em <[https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/03/23/com-crise-bc-ja-anunciou-r-12-trilhao-em-recursos-para-bancos.htm#:~:text=Para%20combater%20os%20efeitos%20negativos,Produto%20Interno%20Bruto%20\(PIB\).](https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/03/23/com-crise-bc-ja-anunciou-r-12-trilhao-em-recursos-para-bancos.htm#:~:text=Para%20combater%20os%20efeitos%20negativos,Produto%20Interno%20Bruto%20(PIB).)> Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

CHADE, Jamil. OMS alerta para taxa de mortalidade de indígenas por covid-19. 18 de ago. de 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/08/18/oms-alerta-para-taxa-de-mortalidade-de-indigenas-por-covid-19.htm>> Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

GRANEMANN, Sara. Crise econômica e a Covid-19: rebatimentos na vida (e morte) da classe trabalhadora brasileira. In: **Trabalho, educação e saúde**. vol.19. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v19/0102-6909-tes-19-e00305137.pdf>> acesso em 30 de março de 2021.

GRANER, Fabio. Auxílio emergencial custa R\$ 20 bi por mês no bimestre final. **Valor Econômico**, Brasília, 15 de jan. de 2021. Disponível em <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/01/15/auxilio-emergencial-custa-r-20-bi-por-mes-no-bimestre-final.ghtml>> Acesso em 02 de fevereiro de 2021

MÉSZÁROS, István. A Crise Estrutural do Capital. In: **Revista Outubro**. Ed. 4. São Paulo: BOITEMPO, 2000. Disponível em <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-4-Artigo-02.pdf>> Acesso em 01 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, Tatiana Moreira Rossini de. População LGBTQI+ e Covid-19: a ampliação do abismo das desigualdades. **Carta Capital**. 17 de jun. de 2020. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/lado/populacao-lgbtqi-e-covid-19-a-ampliacao-do-abismo-das-desigualdades/>> Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19)**. Disponível em < <https://covid19.who.int/> > acesso em 20 de junho de 2023.

SATIE, Anna. Mais mulheres e crianças engrossam população de rua, diz padre Julio Lancelotti. **CNN Brasil**, São Paulo, 13 de jan. de 2021. Disponível em <

VILELA, Pedro Rafael. Denúncias de violência contra a mulher somam 105,6 mil em 2020. **Agência Brasil**. Brasília, 07 de mar. de 2021. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-03/governo-registra-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher> > Acesso em 07 de março. de 2021

WALLACE, Rob. **Pandemia e agronegócio**. Editora Elefante. Edição do Kindle.

PROMOÇÃO



APOIO

